

## Nas teias do planejamento na ação

---

FERREIRA, Francisco Withaker. *Planejamento sim e não: um modo de agir num mundo em permanente mudança*. 8ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

---

Maria Rosa Cavalheiro Marafon<sup>1</sup>

É incontestável a atualidade das questões referentes ao planejamento e antiplanejamento tratadas no Livro de Withaker, editado inicialmente em 1978 e, hoje, com mais de dez edições.

O livro tem uma organização peculiar que foge ao modelo dos capítulos seqüenciais ou das partes contendo alguns temas. É apresentado sob a forma de diálogo registrado em datas nas quais os interlocutores se encontram. Suas falas, várias vezes, são esclarecidas ou questionadas pelo autor que se dirige ao leitor, procurando envolvê-lo no debate. O texto é enriquecido por curiosas e instigantes ilustrações e trechos à margem das páginas, que reforçam ou destacam idéias essenciais.

Concordo com as afirmações feitas por Paulo Freire no prefácio que escreveu em Genebra (1978), referindo-se ao fato de quanto o livro o desafiava: "o estilo simples e não simplista com o qual foi escrito" e mais, "escrito para ser estudado e não para ser mecanicamente lido". (p. 07)

A idéia central trabalhada insistentemente pelo autor é a do processo de planejamento e ação no processo de modificação da própria realidade. Por meio de constantes retomadas, que parecem ser intencionalmente repetitivas, vai articulando, numa complexidade crescente, os conceitos fundamentais para a explicitação da dialeticidade do ato de planejar. Ao comparar o processo de planejamento com o movimento da vespa que voa insistentemente em volta do doce, reforça a idéia de que o planejamento não se desgruda da ação. A ação é entendida como ato em que fazer e pensar se articulam continuamente.

No decorrer da obra, são explicadas as fases do planejamento como método propriamente dito, a saber: preparação do plano, acompanhamento da ação e revisão crítica dos resultados, identificando as nuances de cada uma das fases e sua interpenetração.

---

1. Professora Titular da Faculdade de Educação - PUC-Campinas. Doutoranda na Faculdade de Educação - UNICAMP



## Resenha

Assim se expressa o autor: “O método de planejamento é útil. Mas o mais importante é o maior ou menor conhecimento que se tenha do aspecto da realidade em que se esta agindo e de sua inserção no conjunto”. (p.144) No mínimo, essa idéia implica não ter medo de serem questionadas as próprias posições, sempre tendo os objetivos como referência fundamental.

Destaco duas questões abordadas pelo autor que parecem instigantes. A primeira se refere ao antiplanejamento caracterizado por mistificações que se constituem no “uso malandro do planejamento” (p.50), de modo especial feito pelos tecnocratas. No enfoque do planejamento econômico, explicita os conceitos de planificação e planejamento, e no educacional, salienta a importância de se tomarem decisões a partir das reações que se manifestem frente às iniciativas tomadas.

A segunda questão diz respeito à crítica feita ao planejamento estratégico, hoje tão presente nos discursos e práticas dos planejadores. O cerne da questão está na ausência dos objetivos da ação, pois o que se planeja são as estratégias. “Estratégia sem objetivos é o mesmo que agir sem saber por quê”. (p.94)

Em “As notas roubadas” apresentadas no final do livro, que, segundo explica o autor, são anotações dos interlocutores sobre coisas a discutir, reforça a importância da participação que pode e deve ser propiciada de mil maneiras no processo de planejamento denominado planejamento participativo.

O livro é muito valioso para aqueles que desejam refletir e discutir o planejamento em suas variadas dimensões: pública, privada, econômica, política, educacional.